

Inconsciente encravado

Breve histórico e atual status de um conceito tardio de Jean Laplanche

Lorenza Escardó Zaldo¹, Madrid

Como qualquer sujeito que ocupa o lugar de receptor de uma mensagem enigmática, Laplanche é também um ‘tradutor’ [...]. Nesse sentido, subentende-se que a obra laplancheana não está acabada e que as ‘mensagens teóricas’ que ele nos legou trazem consigo vários significantes, e, agora, cabe a nós tentar melhor traduzi-las. (SCARFONE, 2014, p. 22)

Introdução

Em *Três acepções da palavra inconsciente no âmbito da Teoria da Sedução Generalizada*, Jean Laplanche formula sua proposição definitiva em uma via de investigação que já vinha sendo explorada por autores próximos ao seu pensamento², que afirmava a necessidade de seguir pensando, em

1 Psicoterapeuta psicanalítica, diretora da Alter Revista de Psicoanálisis, membro do Conselho Consultivo Científico Fondation Jean Laplanche.

2 Referimo-nos principalmente a Christophe Dejours, Francis Martens e Luiz Carlos Tarelho, citados pelo próprio Laplanche nesse mesmo texto. Contudo, nessa mesma época, autores como Dominique Scarfone e Marta Rezende Cardoso também acompanhavam muito de perto o pensamento laplancheano.

termos teórico-clínicos, as modalidades psíquicas que escapam à dimensão generalizada ou estruturante da sedução (TSG).

Essa situação, essa exigência de trabalho o distanciava de sua área de investigação preferencial — o inconsciente sexual recalçado e a neurose — e ampliou o campo de investigação da teoria da sedução generalizada (TSG) ao terreno da psicose, da clínica-limite ou *borderline*, à psicossomática, ao campo do abuso sexual e do trauma extremo, assim como às questões identitárias e de gênero. Foram anos de debates entre Laplanche e autores que, com base na TSG, buscavam enfrentar e encontrar novas soluções para os problemas teórico-clínicos que essas modalidades psíquicas vêm apresentando à psicanálise.

A aventura chegou ao fim com a apresentação de um novo esquema tópico, no qual o clássico inconsciente sexual recalçado coexiste com um inconsciente não constituído por efeito do recalçamento: o inconsciente encravado. Assim, Laplanche sintetiza uma série de ideias que havia começado a explorar a partir de 1992 com seu texto *Implantação e intromissão*, a fim de construir um modelo unitário do aparelho da alma, no qual ambos os fenômenos de sedução não seguem caminhos paralelos, mas que podem chegar a se comunicar entre si.

1. Movimento da própria teoria

Como sabemos, a teoria da sedução *generalizada* é resultado da reelaboração da metapsicologia freudiana, empreendida por Laplanche. Trata-se de um exame que parte precisamente da análise detalhada da teoria da sedução freudiana e dos motivos que levaram Freud a rejeitá-la e abandoná-la.

Por fim, Laplanche recupera essa teoria, mas sem tratar de salvá-la integralmente. Ele amplia e *generaliza* seu alcance, algo que, por motivos

diversos, seu criador não pôde realizar, tendo-a restringido ao patológico e muito dependente da factualidade.

Paradoxalmente, esse grande trabalho que Laplanche empreende o levará de volta ao seu ponto de partida. Ele se vê, então, diante da dimensão traumática (patológica, restringida) da sedução.

No entanto, Laplanche está mais bem preparado do que Freud para enfrentar essa questão problemática, uma vez que não a recuperou tal qual foi formulada por Freud e funda sobre sólidas bases a inevitável intervenção do inconsciente do adulto na relação com o *infans*. Isso nos ajuda a pensar a sexualidade do adulto imposta à criança como algo mais amplo do que o atentado sexual manifestamente perverso, superando, assim, uma teoria da sedução “restrita” à etiologia da neurose, que só se aplicava a um pequeno número de pacientes que são realmente vítimas de abusos sexuais.

Tendo sido designada como situação originária, sedução originária ou situação fundamental, Laplanche elege o termo “situação antropológica fundamental” para assinalar a assimetria essencial que caracteriza essa relação adulto-criança, na qual o adulto emite mensagens comprometidas pelo seu inconsciente, enquanto o *infans* as recebe em um estado de necessidade e de incapacidade de dominar essas mensagens de natureza tanto verbal quanto — e sobretudo — não verbal, denominadas por Laplanche de mensagens enigmáticas.

Qual é o destino dessa intervenção?

Laplanche se questiona sobre os modos de intervenção, infiltração, *comprometimento*, a sexualidade infantil do adulto e suas consequências na constituição do psiquismo da criança e, para isso, desenvolve seu modelo tradutivo do recalçamento, com o qual define detalhadamente os diferentes momentos ou tempos de constituição do psiquismo, que se situam entre a recepção da mensagem oriunda do adulto e a tradução realizada pela criança.

O modelo da tradução psíquica

Essa nova forma de compreender o recalçamento exposta por Laplanche delimita, como dissemos, diferentes tempos entre a sedução, o impacto do encontro com o outro adulto, com sua sexualidade inconsciente, seus enigmas e os esforços de tradução e de integração que essas mensagens, devido ao seu caráter sexual, exercem na criança. Longe de serem inertes, essas mensagens impõem uma incitação constante, como um espinho irritativo na carne.

Essas tentativas de tradução conseguirão tirar da escuridão apenas uma parte da mensagem, contribuindo para a constituição do mundo consciente ou eu. Ao mesmo tempo que inevitavelmente uma parte da mensagem ficará sem simbolizar, dando lugar a um resto ou resíduo³, verdadeiro corpo estranho interno decorrente desse processo de tradução-recalçamento que vai criando no psiquismo uma realidade psíquica inconsciente, que instigará, por sua vez, uma nova destradição-retradução das traduções anteriores.

Implantação e modelo neurótico

Para descrever o modo como essas mensagens adultas comprometidas por significados sexuais se infiltram na psique da criança, Laplanche introduziu este conceito de implantação:

Designo, assim, o fato de que os significantes transmitidos pelo adulto se encontram fixados, como em superfície, na derme psicofisiológica de um sujeito que ainda não tem uma instância

3 Laplanche propõe chamar “significante dessignificado” ou “representação-coisa”, verdadeiro objeto-fonte da pulsão, o que Freud designara como “fueros”. Uma denominação provocativa: “É preciso, portanto, investigar o tipo de realidade que se deve atribuir aos elementos inconscientes e negar que eles sejam simples ‘imagens mnêmicas de coisa’, cópias mais ou menos distorcidas de acontecimentos ou objetos. Foi para esclarecê-lo que propus o termo ‘representação-coisa’ para designar a *Sachvorstellung* freudiana, não como uma tradução mais precisa, mas sim um contrassenso provocativo” (LAPLANCHE, 2001, p. 67).

inconsciente diferenciada. É sobre esses significantes recebidos passivamente que incidem as primeiras tentativas ativas de tradução, cujos restos compõem o recalco originário⁴. (LAPLANCHE, 1990/1996, p. 106)

Na reelaboração proposta por Laplanche, as mensagens enigmáticas do adulto permanecem implantadas na psique-soma da criança, como em espera, pois ainda não podem ser traduzidas. A tradução ocorrerá somente “depois”, em um “momento posterior”, quando a criança dispuser de certos códigos que lhe permitam realizar uma simbolização a partir da recepção de novas mensagens — ou de outras experiências — que *ecoam* as mensagens iniciais. Nesse ínterim, essas mensagens permanecem presas no limbo do recalco.

É por isso que o inconsciente não é simplesmente o outro implantado em mim, pois, entre a primeira intervenção do outro e a criação desse corpo estranho interno, intercala-se um complexo processo de tradução-recalco, que envolve um verdadeiro deslocamento dos elementos do vivido, como evidencia sua teoria tradutiva do inconsciente.

É importante nos determos sobre a localização tópica dessa implantação, localização designada metaforicamente por Laplanche como uma “derme psicofisiológica” (“*derme psychophysiologique*”). Pois, como assinalará Dupeu, essa formulação é coerente com sua afirmação de que, ainda que o aparelho (freudiano) da alma não esteja constituído desde o princípio da vida, o aparelho neuropsicofisiológico, responsável pelas funções de autoconservação, está presente desde os primórdios, mesmo que em estado imaturo. Em vez de negar sua existência e importância, Laplanche defende que a tarefa do metapsicólogo supõe pensar a articulação entre esses dois “aparelhos”, que se organizam segundo imperativos e modos de constituição

4 LAPLANCHE, J. (1990) “Implantation, intromission”, in *Le primat de l'autre en psychanalyse*. Paris: Flammarion, 1997, p. 358.

heterogêneos e podem, portanto, entrar em competição (DUPEU, 2013). Outros autores também têm se interessado em elucidar as vicissitudes do apoio entre os domínios autoconservativo e libidinal⁵.

O modelo tradutivo explica um fator essencial da TSG: seu aspecto temporal — a saber, que o processo de tradução-recalcamento é concebido como um processo em dois tempos. O primeiro tempo consiste na implantação de algo que vem de fora (a mensagem do outro); o segundo, por seu turno, implica uma reativação *après-coup* das mensagens implantadas, atacando desde o interior. Laplanche explica, assim, que o trauma, como trauma psíquico, nunca vem apenas do exterior e que, para tornar-se um trauma psíquico, deve ser interiorizado — portanto, revivido em *après-coup*.

A situação do significante enigmático [...] é diferente [...] a depender da existência do eu enquanto instância ou não. No primeiro tempo, ele é externo, fincado, por assim dizer, na periferia do eu — mais concretamente, implantado na periferia do indivíduo [...]. No segundo tempo, o significante enigmático, ou melhor, seu resto recalcado, o objeto-fonte, torna-se interno. (LAPLANCHE, 1987/1989, p. 136)

Laplanche já não descreve a formação de uma neurose (a teoria freudiana da sedução era uma teoria etiológica da histeria), mas sim a própria constituição da tópica psíquica, desenvolvendo uma teoria intersubjetiva da origem do psiquismo a partir da “implantação da mensagem do outro”. Ele ressalta que o processo de recalcamento originário nem sempre é bem-sucedido, havendo a possibilidade de que algumas mensagens parentais não favoreçam uma resposta ativa ou uma metabolização suficiente por parte da criança. Ele inicia, assim, uma reflexão crítica a respeito do problema

5 Vide, por exemplo, Tovmassian (2022), embora esse autor não os situe em uma relação de rivalidade, mas sim de colaboração, na medida em que ambos são afetados pelo impacto traumático.

da formação do supereu e das suas consequências na diferenciação das instâncias psíquicas em curso, assim como no estatuto dessas mensagens não metabolizáveis.

Outra questão que merece um exame mais aprofundado: as regras morais transmitidas pelos pais seriam recalçadas ou, não podendo sê-lo, permanecem no limiar do pré-recalcamento, na medida em que, a fim de retomá-las, não podem ser substituídas por nada? E se os imperativos categóricos permanecem como que bloqueados entre os dois tempos do recalque originário, não teríamos que considerá-los como uma espécie de encrave psicótico de toda personalidade? (LAPLANCHE, 1989, p. 140)

Para além da neurose, a intromissão

Pois bem, definir em detalhe essa etapa do processo do recalçamento originário, situado entre a mensagem oriunda do adulto e a tradução realizada pela criança, nos conduz a um momento crucial da história do pensamento laplancheano, a uma nova curva na espiral de seu pensamento, quando Laplanche empreende a tarefa de aprofundar uma variante deste destino comum imposto pela situação antropológica fundamental, adentrando um destino patológico da sedução, que paraliza esse processo de tradução-recalçamento e a diferenciação das instâncias psíquicas inconsciente-eu.

Eu estou interessado sobretudo na [...] sedução originária do sujeito normal ou do futuro neurótico (não do psicótico). Logo, estou muito mais interessado nesse aspecto do trauma que, em última instância, conduz ao recalçamento [tradução] e à reestruturação [...]. *Concordo plenamente que, no âmbito da teoria da sedução ou do trauma em dois tempos, é preciso se perguntar sobre o motivo pelo qual, em muitos casos, não há um segundo*

momento [momento tradutivo-recalcante], ou porque o segundo momento está obstaculizado ou paralizado. (LAPLANCHE, 1994, citado por CARUTH, 2015, p. 14)

[Versão original em inglês]: I'm mostly interested in the humanizing trauma. That is, the first trauma, which most people wouldn't describe as trauma: the originary seduction of the normal, average subject or future neurotic subject (not the psychotic). So I have been much more interested in that aspect of trauma that ultimately leads to repression and restructuration, as opposed to something that has not been translated. Now, I completely agree that in the frame of the two-moment theory of trauma and seduction, one has to ask the reason why, in many instances, there is no second moment, or why the second moment is hampered or paralyzed. And that is really the trauma which cannot be reinterpreted, which is implantation, what I call intromission. (CARUTH, 2015, p. 14)

Voltando à criança da situação antropológica fundamental, exposta, dessa vez, a um novo tipo de mensagem, não mais *comprometida* pelo inconsciente adulto, mas caracterizada por um outro modo de presença da sexualidade infantil, de valência violenta ou desligada, não permitindo à criança uma resposta ativa nem uma tradução suficiente das mensagens. De modo que elas não estão tanto “à espera” de uma segunda cena-evento ou mensagem que as ajude a integrar definitivamente o aparelho psíquico, como no caso das mensagens implantadas, mas que permanecem relativamente isoladas, “encravadas”.

A implantação é um processo comum, cotidiano, normal ou neurótico. Ao lado desse processo, como sua variação violenta, é preciso abrir espaço à intromissão. Enquanto a implantação permite ao indivíduo uma recaptura ativa, com sua dupla face tradutiva-recalcante, deve-se tentar conceber um processo que dificulta essa recaptura, que curto-circuita a diferenciação das instâncias em

vias de formação e coloca no interior um elemento que resiste à qualquer metábola⁶. (LAPLANCHE, 1990/1996, p. 106)

É aqui que encontramos a hipótese forte de Laplanche: diferente dos fracassos parciais da tradução, que dão conta do inconsciente recalçado, esse fracasso radical dá lugar a um inconsciente encravado, que pressupõe a constituição de defesas igualmente radicais, como a negação ou a clivagem.

Encontramos, aqui, os mesmos três elementos nucleares da teoria da sedução generalizada — *situação antropológica fundamental, mensagem e tradução* —, embora alterados.

Os fracassos da tradução⁷

Nesse momento, o pensamento laplancheano se mostra claramente aberto à problemática do intraduzível, ao mesmo tempo que deseja dar conta das duas facetas que a tradução ocupa em sua prática: em primeiro lugar, temos a prática da tradução linguística (referente aos modelos de Jakobson ou Saussure), à qual Laplanche dedicou muitos anos de sua vida e que segue plenamente vigente no trabalho de tradução das obras completas de Freud. Mas ele continua explorando as possibilidades da exportação desse modelo da tradução para uma reelaboração metapsicológica que dê conta da constituição do inconsciente.

Segundo Laplanche, foram Freud, em sua primeira fase, centrada nos abusos sexuais, e depois Ferenczi, com o famoso texto “Confusão de língua entre o adulto e a criança”, que abriram caminho para o intraduzível. No entanto, segundo Laplanche, Ferenczi não se perguntou por que os adultos e as crianças têm duas línguas diferentes. O fato é que o autor húngaro evita

6 LAPLANCHE, J. (1990) “Implantation, intromission”, in *Le primat de l'autre en psychanalyse*. Paris: Flammarion, 1997, p. 358.

7 *Les échecs de la traduction* (LAPLANCHE, 2002/2007).

referir-se à grande descoberta freudiana: os adultos têm um inconsciente e as crianças não (LAPLANCHE, 2007, p. 121), motivo pelo qual o diálogo se dá em dois níveis distintos.

Todavia, no modelo laplancheano, não encontramos duas línguas estrangeiras uma à outra, como sustentava Ferenczi em seu artigo, mas sim o que encontramos primeiro é uma língua ou um sistema semiótico em comum, o sistema do apego, amplamente investigado nos últimos tempos. Mas se este sistema é um sistema em comum, o que levaria a criança a traduzir? “É o fato de que a mensagem, embora formulada em uma língua em comum, é parasitada por outra coisa, outra coisa que é tão somente uma língua e que é simplesmente o inconsciente do outro” (LAPLANCHE, 2007, p. 121).

É nesse momento que Laplanche argumenta que, afinal de contas, essa parasitação ou comprometimento da mensagem é a nossa melhor esperança para sua possível tradução e garantia da validade de seu modelo. Quer dizer, para que essa mensagem seja objeto dessa apropriação, integração ativa por parte do receptor, deve haver esse jogo entre dois planos, mesmo que a mensagem seja, por vezes, brutalmente sexual. Com isso, Laplanche deseja apontar a esperança de que o emissor esteja constituído a partir do recalçamento originário, ou melhor, que tenha um recalçamento originário suficientemente estabelecido, o que garantirá, por sua vez, o compromisso frente à postura que parece ocupar Ferenczi, que insiste mais na *confusão* do que na tradução: “[...] na confusão que provoca na criança, mas também em nós, a possibilidade de que uma mensagem seja radicalmente intraduzível ou, ainda pior, que não haja mensagem” (LAPLANCHE, 2007, p. 123).

Vemos, assim, que Laplanche segue defendendo as possibilidades de que essa noção de tradução sirva também para abordar a questão do intraduzível que tanto nos intimida e da qual tratamos de nos aproximar desde Freud ou Ferenczi.

[...] essa teorização poderia servir de base para uma ampliação da investigação psicopatológica em campos que vêm se impondo cada vez mais e com urgência cada vez maior. Mas a urgência pode comprometer o pensamento, paralisá-lo, renovando no profissional a mesma perplexidade presente na realidade dos pacientes. (LAPLANCHE, 2007, p. 121)

Podemos constatar, em suas elaborações, um certo deslocamento do foco de atenção: o interesse pelo receptor da mensagem enigmática, já amplamente abordado em seu modelo tradutivo, vai dando lugar a novas teorizações, mais centradas no emissor da mensagem e nas suas características. Esse deslocamento permite que Laplanche aborde a questão do intraduzível a partir de uma perspectiva essencialmente nova, muito profícua para autores⁸ que haviam começado a explorar as condições de um fracasso radical de tradução a partir do caminho e do marco teórico que ele propõe com seu modelo tradutivo.

2. Do que falamos quando falamos de inconsciente encravado

*Três acepções da palavra “inconsciente” no âmbito da Teoria da Sedução Generalizada*⁹, é um texto que, sem dúvida, condensa ao máximo o trabalho produtivo de toda uma vida. Mais do que isso: nesse texto, sua obra não é apenas condensada, mas também reelaborada e completada.

O processo de tradução-recalcamento cuja consequência é a organização do psiquismo em seu aspecto normal ou neurótico vinha sendo estudado desde

8 (SCARFONE, 1992; TARELHO, 1999; GAMMELGARD, 2014).

9 Publicado sob o título “Três acepções da palavra ‘inconsciente’ no quadro da Teoria da Sedução Generalizada” em 2003 na *Revista da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre (SPPA)*, sob a direção de José Carlos Calich.

Novos fundamentos para a psicanálise, inclusive desde *Problemáticas IV*, quando Laplanche introduziu suas primeiras reflexões a respeito do modelo tradutivo. No entanto, é neste artigo que ele introduz, pela primeira vez no conjunto de sua teoria, a possibilidade de um fracasso radical de tradução, cenário em que o sujeito não é capaz de realizar uma recaptura ativa da mensagem implantada ou intrometida. A consequência desse fracasso é a organização do psiquismo em seu aspecto psicótico e borderline:

O fracasso parcial da tradução dá conta do inconsciente “clássico”, neurótico-normal. A seu lado, convém reconhecer a existência de um fracasso radical, em que nada é traduzido. A mensagem original, implantada ou intrometida¹⁰, permanece tal qual no aparelho psíquico, constituindo o que poderíamos chamar de *inconsciente encravado*¹¹. (LAPLANCHE, 2007, p. 202)

Aqui, Laplanche explica que esse novo sistema não é correlativo de um pré-consciente, tal como ocorria com o inconsciente freudiano, mas permanece “à flor da consciência”. À diferença do inconsciente freudiano, esse sistema é mantido tão somente por uma fina camada de defesa consciente, cuja principal modalidade não seria o recalçamento, mas sim a recusa (*Verleugnung*). Esses esclarecimentos sinalizam a fragilidade ou potencialidade dessa nova zona psíquica que, em razão de sua superficialidade ou escassa proteção, poderá ser reativada desde o exterior a qualquer momento, dando lugar às ditas manifestações clínicas.

10 Neste momento, Laplanche remete o leitor ao seu trabalho de 1990, intitulado *Implantação, intromissão* (LAPLANCHE, 1996).

11 Nota de rodapé incluída pelo próprio autor: “Christophe Dejours propôs o termo ‘inconsciente amencial’, que me é difícil aceitar, pois esse conceito pressupõe que o recalçamento-tradução consiste em um processo de mentalização a que não é submetido o inconsciente psicótico e, portanto, que as mensagens do outro não são mentais, mas devem se tornar mentais. Tenho certa dificuldade em me apropriar dessa oposição entre alma e corpo, mente e soma” (LAPLANCHE, 2006/2009, p. 5, nota 4).

Como viemos adiantando, Laplanche vai propor, ao lado do inconsciente sexual constituído a partir do recalçamento originário em um processo altamente individual, um *inconsciente encravado*. Trata-se de um novo sistema em que vão ficar tanto as mensagens intraduzíveis quanto as mensagens enigmáticas, à espera de tradução. Tradução que, como vimos, embora constitua a origem do inconsciente e do eu, se encontra na origem das patologias não neuróticas. O fracasso radical ou a não-ocorrência dessa tradução faz aumentar a quantidade de mensagens que vêm integrar as fileiras do *inconsciente encravado*, com um consequente prejuízo no estabelecimento das instâncias egoica e inconsciente.

Estamos falando, então, de uma instância diferente do inconsciente sexual recalçado, formada, por um lado, por mensagens não traduzidas resultantes dos fracassos radicais de tradução e, por outro, por mensagens comprometidas pelo inconsciente sexual, mas que ainda não foram traduzidas. Logo, essas mensagens se encontram em uma espécie de latência. Laplanche assinala que todo ser humano possui uma “reserva de mensagens sem tradução” — algumas intraduzíveis, outras à espera de tradução.

Enfim, o inconsciente encravado também é concebido como um *estoque* de mensagens que aumenta ao longo do trabalho analítico devido ao movimento de destradição da análise.

3. Conclusões

Vale ressaltar que a recepção desse conceito tardio foi e segue sendo variada. A situação poderia ser resumida da seguinte maneira: alguns autores sentiram-se cômodos diante de um conceito que poderiam situar em continuidade a desenvolvimentos avançados nos anos anteriores, enquanto outros sentiram-se incômodos por crerem que esse conceito rompia com toda uma série de hipóteses e propostas apresentadas por Laplanche

em etapas anteriores, também destinadas a pensar o intraduzível, que teriam sido esquecidas e insuficientemente aprofundadas. Nesse sentido, Dupeu (2012) lamenta que Laplanche tenha renunciado à metáfora (contemporânea da teoria do apoio) de uma “derme neuropsicológica”, que fazia tanto sentido, pois permitia conservar a noção de uma “psique” (da neurobiologia) diferente do aparelho freudiano da alma, visto que se situa do “outro lado” do “diedro”. Mais recentemente, Fabio Belo¹² se questiona se esse termo seria suficientemente rigoroso ou se, ao contrário, seria um conceito problemático, que entraria em contradição com o inconsciente sexual constituído a partir do recalçamento originário.

Um terceiro grupo de autores se manteve relativamente indiferente, não considerando esse aporte tardio como uma das mais importantes contribuições laplancheanas à psicanálise.

O que parece incontestável é que o modelo de um fracasso radical de tradução passou a ser amplamente retomado por diversos autores, que destacam sua atualidade e utilidade clínica na compreensão de patologias consideradas nos limites da psicanálise (GAMMELGARD, 2014/2016; TOVMASSIAN, 2013). E seus desenvolvimentos são um excelente testemunho dos efeitos do pensamento metapsicológico de Jean Laplanche no campo da clínica psicanalítica. Esses autores parecem concordar que, embora a introdução dessa nova instância¹³ não deixe de apresentar problemas, o estabelecimento de um lugar para esses elementos não traduzidos ou “não recalçados” levanta uma questão que a TSG havia deixado em aberto até então: como constituir uma teoria unitária do aparelho da alma, que englobe os modelos neurótico-normal e psicótico-limítrofe, insistindo na “base comum” constituída pela situação antropológica fundamental e a teoria tradutiva e sem romper com a unidade do pensamento freudiano e tampouco com

12 Comunicação oral apresentada no I Colóquio Iberoamericano Jean Laplanche, 2024.

13 Não podem ser abordadas no presente trabalho em função de seu caráter histórico.

a referência ao inconsciente sexual recalçado. Com este conceito está mostrando sua tentativa de construir não um modelo paralelo, mas sim um modelo unitário, em que ambos os fenômenos de sedução não discorram em paralelo, mas possam se comunicar entre si.

Para concluir, podemos afirmar que, seguindo, como fizemos, o movimento do pensamento de Laplanche, temos a impressão de talvez dar continuidade ao próprio movimento da psicanálise, centrado primeiramente na neurose e que depois passa, ao adquirir fundamentos mais sólidos, a abarcar realidades psicopatológicas mais complexas ou deficitárias. É evidente que, diferente de outras muitas valiosas iniciativas, Laplanche não constrói a sua teoria em paralelo às ideias de Freud, mas sim com base em uma fundamentação mais rigorosa, sólida e completa em relação ao já existente. Aliás, Laplanche gostava de utilizar a imagem de um navio de Teseu, no sentido de que seu trabalho consistiu em equipá-lo para navegar mares mais turbulentos, como aqueles impostos pela atual complexidade do vir a ser humano.

Em suma, Laplanche nos propôs uma aventura de pensamento que devemos seguir pondo à prova em nossas próprias construções teóricas e experiências clínicas. Em nosso entender, parece ser esta a melhor forma não só de manter vivo o espírito que o inspirava, mas também de retomar o testemunho de seu notável trabalho de conceitualização do campo psicanalítico.

Referências

- BALLVÉ BEHR, K. M. “Entretien avec Christophe Dejours”. *Constructo Revista de Psicanálise*. Porto Alegre, v. 8, n. 1, 2023.
- CALICH, J. C. “Tensões atuais sobre o conceito do inconsciente”. *Jornal da Sociedade Psicanalítica de Porto Alegre*. Porto Alegre, vol. X, 2003.
- CALICH, J. C. “Pour ‘faire travailler’ la topique laplanchienne”. *Psychiatrie Française*. Paris, v. 3, n. 3, 2006, pp. 34-44.

CALICH, J. C.; HINZ, H. (eds.). *The Unconscious: Further reflections*. Londres: IPA Press, 2007.

CARUTH, C. “An interview with Jean Laplanche”, in *Listening to trauma*. Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1994.

CARUTH, C. “Una entrevista con Jean Laplanche”. *ALTER Revista de psicoanálisis*. Madrid, n. 9, 2015.

DEJOURS, C. *Le corps entre biologie et psychanalyse*. Paris: Payot, 1986.

DEJOURS, C. *Recherches psychanalytiques sur le corps*. Paris: Payot, 1989.

DEJOURS, C. *Le corps, d'abord*. Paris: Payot, 2001.

DEJOURS, C. “La tercera tópica”. *Alter Revista de psicoanálisis*. Madrid, n. 4, 2009.

DUPEU, J.-M. “La théorie ‘traductive’ de la genèse de l'appareil de l'âme (Jean Laplanche): de nouveaux fondements pour une clinique psychanalytique de l'enfant?”. *Revue Belge de psychanalyse*. Bruxelles, v. 63, 2013, pp. 113-135.

GAMMELGAARD, J. *Betweenity: a discussion of the concept of borderline*. Londres: Routledge, 2010.

GAMMELGARD, J. (2014) “Seduction and the problem of translation in the context of sexual abuse”, in Dejours, C. & Votadoro, F. *La séduction à l'origine: l'œuvre de Jean Laplanche*. Paris: PUF, 2016, pp. 79-94.

LAPLANCHE, J. *Nouveaux fondements pour la psychanalyse*. Paris: PUF, 1987.

LAPLANCHE, J. *Nuevos fundamentos para el psicoanálisis*. Buenos Aires: Amorrortu, 1989.

LAPLANCHE, J. (1990) “Implantation, intromission”, in *Le primat de l'autre en psychanalyse*. Paris: Flammarion, 1997, p. 358.

LAPLANCHE, J. (2002) “Les échecs de la traduction”, in *Sexual. La sexualité élargie au sens freudien, 2000-2006*. Paris: PUF, 2007.

MARTENS, F. “Quelques remarques traductives adressées à Jean Laplanche”. *Psychiatrie Française*. Paris, v. XXXVII, n. 3, 2006, pp. 131-135.

MARTENS, F. “Algunas notas traductivas dirigidas a Jean Laplanche”. *ALTER Revista de psicoanálisis*. Madrid, n. 4, 2009.

REZENDE CARDOSO, M. *Surmoi et théorie de la séduction généralisée*. Thèse de Doctorat de Psychanalyse, Université Paris VII, U.F.R Sciences Humaines Cliniques, 1995.

REZENDE CARDOSO, M. “Le surmoi: vers une nouvelle approche”. *Filigrane Écoutes Psychothérapiques*. Montreal, v. 9, n.1, 2000, pp. 146-159.

SCARFONE, D. (1992) “Ma mère, ce n’est pas elle”, in *Colloque international de psychanalyse: Jean Laplanche et collaborateurs*. Paris: PUF, 1994.

SAKETOPOULOU, A. *Sexuality beyond consent: risk, race, traumatophilia*. New York: New York University Press, 2023.

TARELHO, L. C. *Paranoïa et théorie de la séduction généralisée*. Paris: PUF, 1999.

TARELHO, L. C. *Paranoia y teoría de la seducción generalizada*. Madrid: Editorial Síntesis, 2004.

TARELHO, L. C. “Reflexões sobre a clínica psicanalítica das psicoses”. *Revista Latinoamericana de Psicopatología Fundamental*. São Paulo, v. 2, n. 3, 1999a, pp. 146-158.

TOVMASSIAN, T. “Agression sexuelle et transformation pubertaire, une potentialisation de l’effraction traumatique?”. *Adolescence*. Paris, T. 31, n. 1, 2013, pp. 77-86.

TOVMASSIAN, T. “Agresión sexual y transformación puberal, ¿una potenciación de la efracción traumática?”. *ALTER Revista de psicoanálisis*. Madrid, n. 9, 2015.

TOVMASSIAN, T. (2022), “La tendresse comme condition au rêve et à la traduction du traumatique intraduisible?”. *Journées internationales Jean Laplanche (JIJL)*. Bretagne, 2022.

TOVMASSIAN, T. *La tendresse: transformer le traumatisme*. Paris: Éditions In Press, 2023.

Tradução: **Bruno dos Santos Konkewicz e Kenia Maria Ballvé Behr**

Publicado em janeiro de 2025

Lorenza Escardó Zaldo

Calle Miguel Angel, 4,1/14

28010 - Madrid

lorenzaez@revistaalter.com